



Eixo Temático: 3 - Desenvolvimento de Currículo

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Carla Maria Leidemer Bruxel¹

Introdução

Este artigo foi escrito a partir da leitura dos autores Henry Giroux, Roger Simon e Peter McLaren na disciplina de “Alternativas curriculares emancipatórias nas diferentes áreas de saberes: reflexões epistemológicas” do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. A leitura desses autores contribuiu para as reflexões sobre como o currículo vem se apresentando no contexto escolar.

O objetivo deste artigo é analisar as compreensões críticas dos autores Henry Giroux, Roger Simon e Peter McLaren acerca da influência das forças políticas e econômicas no currículo escolar e a importância da formação do professor para atuar criticamente contra as ideologias que favorecem apenas as classes sociais dominantes.

Os autores Giroux, Simon e McLaren escrevem os capítulos IV e V do livro “Currículo, Cultura e Sociedade” (2008) que foi organizado por Antônio Flávio Barbosa Moreira e Tomaz Tadeu da Silva. Nesta obra, as propostas oficiais de currículo escolar que se desenvolveram ao longo do tempo são criticadas. Além disso, esses autores apresentam alternativas que se contrapõe a lógica econômica e social travada pelo capitalismo, mostrando que a formação de professores é indispensável para a revisão do currículo escolar.

O problema de investigação consistiu em encontrar autores que tratam da concepção do currículo escolar considerando a formação e a visão dos professores que trabalham nas escolas, sendo que estes conhecem melhor a realidade dos seus alunos, seus anseios, suas inquietações e suas necessidades.

¹Formada em Pedagogia e em Letras Espanhol, pós-graduada em Psicopedagogia e em Mídias na Educação, atualmente aluna eventual do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (Unijuí). Atuação profissional: professora da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Pesquisa realizada sem financiamento. E-mail: carlamariabruzel@yahoo.com.br



A abordagem metodológica deste artigo consiste na revisão bibliográfica a partir da leitura do livro “Currículo, Cultura e Sociedade” (MOREIRA; SILVA, 2008). A natureza deste artigo é de caráter qualitativo. Trata-se de uma resenha reflexiva sobre os capítulos IV e V do livro “Currículo, Cultura e Sociedade”, sendo que estes capítulos foram escritos por Henry Giroux, Roger Simon e Peter McLaren.

A luta pelo currículo para todos

No capítulo IV do livro “Currículo, Cultura e Sociedade” que tem como título “Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular”, Giroux e Simon (2008) apresentam o cenário da educação da última década na América do Norte, onde as escolas têm o objetivo de produzir e legitimar os interesses econômicos e políticos das elites empresariais ou atendem aos interesses dos grupos de cultura dominante, desfavorecendo as classes sociais das minorias.

Nesta época, adotou-se uma forma de pedagogia que nega as vozes, as experiências e as histórias dos estudantes e que costuma reduzir a aprendizagem à dinâmica da transmissão e da imposição. No entanto, esses autores enxergam a escola como um território de luta por justiça social e o campo da pedagogia é visto como uma forma de política cultural que pode mudar este cenário.

Giroux e Simon (2008) defendem uma política da diferença e do fortalecimento do poder como base para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica através das vozes e para as vozes silenciadas, sendo que a cultura popular se constitui num importante espaço pedagógico onde são levantadas questões sobre a subjetividade e a experiência do aluno, situando-se no terreno do cotidiano dos alunos.

Segundo esses autores, os professores precisam encontrar meios de criar espaço para um mútuo engajamento das diferenças vividas, que não exija o silenciar de uma multiplicidade de vozes por um único discurso dominante e, ao mesmo tempo, denunciar o racismo, sexismo, e a exploração de classes como ideologias e práticas sociais que convulsionam e desvalorizam a vida pública. Uma pedagogia crítica examina como as injustiças sociais contaminam os discursos e as experiências que compõem a vida cotidiana e subjetividades dos alunos.



Esses autores ainda enfatizam que a cultura popular é um terreno de luta impregnado de práticas que não são apenas pedagógicas, mas também políticas, e que a pedagogia crítica começa com um certo grau de indignação.

Giroux e Simon (2008) questionam o que constitui o conhecimento útil e como trabalhar com alunos que têm privilégios distintos devido a sua classe social, raça e sexo. Além disso, questionam como podemos nos defender contra as diversas formas de desalento e de desesperança impostas por uma economia corporativa.

Os autores concluem o capítulo afirmando que as questões levantadas surgem em épocas diferentes, vindas de diversas vozes, em contextos educacionais também diversos, e que precisam ser constantemente reformuladas e discutidas. Essa discussão precisa partir dos professores através de uma análise profunda da realidade, ouvindo todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

A formação do professor como contra-esfera pública

O capítulo V do livro “Currículo, Cultura e Sociedade, tem como título “Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia como uma forma de política cultural”. neste capítulo Henry Giroux e Peter McLaren (2008) citam teóricos críticos (Horkheimer, Adorno e Benjamin) que afirmavam que, nas democracias ocidentais, a capacidade crítica estava desaparecendo rapidamente devido à intromissão do Estado, da indústria cultural e a da concentração de riqueza, sendo que o discurso da democracia seria substituído pela linguagem da tecnocultura.

Henry Giroux e Peter McLaren (2008) citam também Habermas (1962) e Marcuse (1964), afirmando que eles foram empenhados a levar adiante essa crítica ao esclarecer a forma como a razão (no século XX) foi praticamente eliminada e a investigação reflexiva perigosamente domesticada em função da destruição daquelas esferas públicas clássicas que prevaleceram na Europa em séculos anteriores.

A esfera pública servia não só para criar a linguagem da liberdade, mas também para manter viva a esperança de que os grupos subordinados pudessem gerar seus próprios intelectuais. Esses intelectuais poderiam fornecer o lastro moral e político necessário à criação de instituições de educação popular e de culturas e crenças alternativas.



Para reverter esse processo de imposição da cultura dominante e das forças econômicas, os autores Giroux e McLaren (2008) defendem que as escolas de formação de professores necessitam ser reconcebidas como contra-esferas públicas, sendo necessário desenvolver programas que eduquem os futuros professores como intelectuais críticos capazes de confirmar e praticar o discurso da liberdade e da democracia, fortalecendo o poder dos professores e ao mesmo tempo estimulando o exercício da docência como instrumento para o fortalecimento do poder.

No entanto, os programas de formação de professores ainda são concebidos para criar intelectuais que operam à serviço dos interesses do Estado e das corporações econômicas e, assim, as escolas servem principalmente como instrumentos de reprodução social que fabricam trabalhadores dóceis e obedientes para o Estado.

Henry Giroux e Peter McLaren (2008) defendem que os programas de formação de professores precisam se comprometer com questões de emancipação e transformação, combinando o conhecimento e a crítica com um apelo para a transformação da realidade em benefício de comunidades democráticas.

Um currículo para formação de professores, para ser uma forma de política cultural, deve enfatizar a importância de tornar o social, o cultural, o político e o econômico os principais aspectos de análise e avaliação da escolarização contemporânea.

Além disso, Giroux e McLaren (2008) defendem a educação do professor como uma nova esfera pública que busque resgatar a ideia de democracia crítica como movimento social, que defende o respeito à liberdade individual e à justiça social, pelas quais os alunos possam debater, assimilar e adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias à luta por um mundo mais justo e mais humano.

Para os autores Giroux e McLaren (2008) as escolas são terrenos ideológicos e políticos nas quais a cultura dominante “fabrica” suas “certezas” hegemônicas; mas também são lugares onde os grupos dominantes e subordinados se definem e se reprimem mutuamente, assim, as escolas não são ideologicamente inocentes nem tampouco são meras reproduzoras de relações e interesses sociais dominantes.

As escolas devem operar como territórios de contestação contra os interesses das classes dominantes e atuar como instituição de produção cultural, constituindo-se também em



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

espaço de construção das experiências e da subjetividade dos alunos através da linguagem e da interação com os outros (GIROUX; MCLAREN, 2008).

De acordo com Henry Giroux e Peter McLaren (2008), o discurso da vida cotidiana aponta para a necessidade dos educadores críticos verem as escolas como esferas culturais e políticas engajadas na produção e na luta pela voz.

Se os educadores críticos quiserem efetivamente entender e contestar a ideologia dominante que age na escola terão de ouvir as vozes oriunda de três diferentes esferas ideológicas que são a voz da escola, a voz do aluno e a voz do professor (GIROUX; MCLAREN, 2008).

As escolas precisam de uma pedagogia que se comprometa seriamente a acolher visões e problemas que sejam do profundo interesse para os alunos em suas vidas cotidianas e cultivar um espírito de respeito pela dignidade humana para ajudar os alunos a se tornarem cidadãos críticos e atuantes.

Henry Giroux e Peter McLaren (2008) defendem que o desenvolvimento de uma pedagogia crítica para a emancipação de futuras gerações de alunos e professores requer que as escolas repensem seus programas e suas práticas em torno da ideia do ensino como forma de política cultural. Isso se constitui num processo contínuo que exige também que os futuros professores tenham mais tempo em classe (na sua formação), para se tornarem professores críticos capazes de explorar nas escolas as ligações entre educação, subjetividade, voz, autoria e poder.

As condições para democratizar as escolas com vistas a fortalecer o poder dos professores e alunos deve surgir por meio de uma reformulação dos programas de formação dos professores. Essa reformulação não ocorre de uma hora para a outra. Requer tempo e planejamento por parte de quem dirige os programas de formação.

Para que ocorra uma reforma radical é importante que os docentes compreendam que contra-esferas públicas não se criam exclusivamente no âmbito de instituições de formação de professores ou de salas de aula de escolas; é preciso que elas se espalhem para atuar em conjunto com outras comunidades de resistência, em um duplo esforço por uma reforma social e educacional.

Os autores Giroux e McLaren (2008) concluem dizendo que para evitar que a democracia seja marginalizada da vida pública, distanciando-se do cotidiano das comunidades



e das salas de aula, os educadores terão de lutar duramente para transformar as escolas em contra-esferas públicas que permitam derrotar o desalento e viabilizar a esperança.

Considerações finais

A partir da leitura dos capítulos escritos pelos autores Henry A. Giroux, Roger Simon e Peter McLaren (2008) buscou-se entender quais foram os aspectos que contribuíram na constituição dos currículos escolares. Assim, percebeu-se que o currículo escolar esteve sempre atendendo aos interesses políticos, econômicos, sociais e culturais dominantes.

O currículo escolar foi proposto a partir de tendências políticas e econômicas que favorecem ao Estado e à ordem econômica predominante. Para que ocorra uma mudança nesta ideologia é necessário o entendimento do que é o currículo escolar e do que ele propõe. O currículo não pode servir aos interesses de alguns, deixando outros à margem do sistema de ensino.

Os autores estudados contribuíram para a reflexão de como o currículo escolar se constituiu ao longo do tempo, considerando que primeiro é essencial a compreensão de como os currículos escolares foram pensados, para quem eles servem ou a quem eles servem.

Depois de compreender esse processo é preciso criar formas de empoderamento dos professores a partir de uma formação como intelectuais críticos que atuem com autonomia, responsabilidade e que lutem por um currículo escolar que atenda também a minoria social.

É necessário que as escolas de formação de professores sejam vistas e compreendidas como contra-esferas públicas capazes de formar novos profissionais que atuem com autonomia e de forma crítica a fim de fortalecer o discurso e a prática da liberdade e da democracia nos ambientes escolares.

Referências

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA Tomaz Tadeu da (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**; tradução de Maria Aparecida Baptista. 10. ed. São Paulo, Cortez, 2008. p. 93-124.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA Tomaz Tadeu da (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**; tradução de Maria Aparecida Baptista. 10. ed. São Paulo, Cortez, 2008. p. 125-154.



Educação
nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUÍ

25anos

25 e 26
de novembro
2020

XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Palavras-chave: Cultura. Currículo. Formação. Professor.